

EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA FLUP

GUIA DO ESTUDANTE



**FACULDADE
DE LETRAS
DO PORTO**

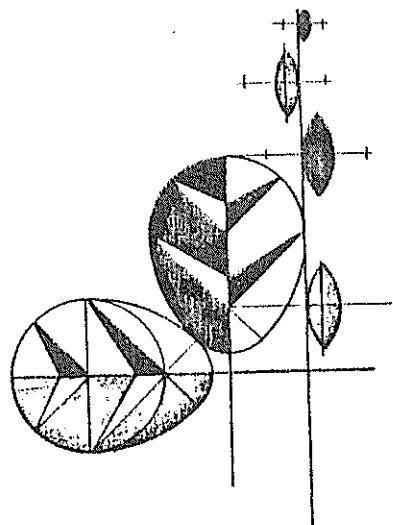


1982

83

* INTRODUÇÃO

Mais uma vez se publica o "Guia do Estudante", instrumento útil de consulta para todos os alunos da Faculdade, momente para os que nela ingressam pela primeira vez. A estes se destinam umas quantas informações, contidas nesta breve introdução.



1º. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA FACULDADE.

O funcionamento da Faculdade assenta numa estrutura democrática, cujos órgãos e respectivas atribuições estão definidas no chamado Decreto de Gestão, o Decreto - Lei nº 781/76 de 28 de Outubro. Assim de acordo com o artigo 1º do citado Decreto, os órgãos internos da Faculdade são:

- a. Assembleia Geral da Escola
- b. Assembleia de Representantes
- c. Conselho Directivo
- d. Conselho Pedagógico
- e. Conselho Científico
- f. Conselho Disciplinar

Deixando a Assembleia Geral da Escola, digamos que a Assembleia de Representantes é composta por delegados dos docentes, dos estudantes e do pessoal técnico, administrativo e auxiliar, eleitos pelo período de um ano. Como a Faculdade de Letras do Porto tem mais de 2000 alunos (atingiu os 4000 no ano de 1981/82), a representação dos vários grupos é a seguinte: docentes, 30; estudantes, 30; funcionários 15. A Assembleia de Representantes tem um presidente eleito que, no ano em curso, é o Dr. Armindo de Sousa.

Entre as várias atribuições da A.R., cabe-lhe eleger o Conselho Directivo que é composto por 4 docentes, 4 estudantes e 2 elementos do pessoal técnico, administrativo e auxiliar. Os membros do Conselho Directivo elegem o seu presidente que actualmente é o Professor Doutor Cândido dos Santos.

O Conselho Pedagógico é composto paritariamente por professores, assistentes e estudantes em número máximo de 24, eleitos em escrutínio secreto. O seu actual presidente é o Professor Doutor Jorge Alves Osório.

O Conselho Científico é constituído pelos Professores Doutores. O seu actual presidente é o Professor Doutor José Adriano de Carvalho.

392(05)
out.



BIBLIOTECA CENTRAL

COMO UTILIZAR OS SEUS SERVIÇOS ?

1. Munindo-se do "Cartão de Leitor", que pode ser solicitado ou revalidado na Biblioteca, mediante a apresentação do talão de matrícula;
2. Recorrendo à consulta de livros na sala de leitura, identificando-se com o Cartão de Leitor;
3. Usufruindo da possibilidade de requesitar livros para leitura domiciliária, nas condições seguintes:
 - a. entrega do cartão de leitor ao funcionário
 - b. levantamento dos livros das 16 às 17h30m
 - c. devolução dos volumes das 9 às 9h30m do dia seguinte, após o que lhe será restituído o Cartão de Leitor.
4. Consultando os ficheiros com cuidado e anotando rigorosamente a cota dos livros;
5. Para consultar os ficheiros pode proceder da seguinte maneira:
 - a. se conhecer o autor da obra, procure no ficheiro onomástico o seu último nome à excepção dos autores espanhóis, que se devem procurar pelos dois últimos nomes;
 - b. se sabe unicamente o título da obra, consulte o ficheiro didascálico;
 - c. se não possui estes elementos ou se pretende conhecer a bibliografia existente na Biblioteca sobre um dado assunto, consulte o ficheiro de Classificação decimal universal (CDU); porque se trata de algo um tanto complicado, dirija-se aos Serviços de Catalogação, onde receberá as indicações necessárias para trabalhar com esse ficheiro.

A utilização de qualquer Biblioteca está condicionada por certos princípios e normas regularizadoras. Por exemplo, os números de revistas e outras publicações periódicas não podem ser requisitados para casa, bem como todas as obras de referência (dicionários, encyclopédias etc). O mesmo quanto a livros classificados de RESERVADOS.

Além disso, nem todos os volumes podem ser fotocopiados por razões materiais; os funcionários elucidá-lo-ão sobre isso.

Para estar ao corrente da bibliografia adquirida, consulte o BOLETIM BIBLIOGRÁFICO E se procura OBRAS EDITADAS RECENTEMENTE, pode também consultar os folhetos de algumas editoras e livrarias na Sala de Leitura.

Tenha presente:

Não retire as fichas do seu local;

não danifique os livros: são património do país e portanto, seu!

HORÁRIO DA BIBLIOTECA:

DAS 9 horas às 12 horas
e DAS 14 horas às 17h30min

2º. SERVIÇOS DA FACULDADE

São sobretudo três: a SECRETARIA, a CONTABILIDADE e a BIBLIOTECA.

A Secretaria da Faculdade trabalha em ligação com a Secretaria Geral da Universidade sita no edifício da Reitoria. Os serviços da Secretaria tem um horário próprio que poderão encontrar neste mesmo Guia.

A Biblioteca é outro serviço que os alunos devem utilizar assiduamente. Para isso é necessário que possuam o "CARTÃO DE LEITOR", que procurarão junto dos funcionários da mesma Biblioteca. Nela existe um serviço de catalogação e outro de leitura. Dentro de certas normas estabelecidas pelo Professor bibliotecário, podem os alunos dispor de certas obras para leitura domiciliária.

Dependente da Biblioteca, trabalha uma oficina Gráfica que executa trabalhos para professores e alunos. A Biblioteca funciona na directa dependência do Presidente do Conselho Directivo. Tem um horário de funcionamento que poderão consultar neste Guia.

Publica este Guia as "Normas de Avaliação", elaboradas pelo Conselho Pedagógico, bem como o "Calendário de Provas", para o ano lectivo 1982/83. Iniciativa feliz que permite aos alunos programar com tempo os seus estudos e os seus exames.

Finalmente, uma recomendação: ninguém melhor que os responsáveis pela gestão da Faculdade conhece as suas carências. Carências em vários domínios. Apesar de multiplicados esforços. Como quer que seja é esta a nossa Faculdade.

O Conselho Directivo e, nomeadamente o seu presidente, está atento e pronto a receber todos os alunos que necessitem de lhe falar. Não precisam de pedir audiência...

Mas, pede também a TODOS que ajudem a fazer da nossa Faculdade, um espaço de humanismo, mútua compreensão e tolerância. Na autêntica tradição de uma escola de humanidades.

O CONSELHO DIRECTIVO

HORARIO DA SECRETARIA

9 horas às 12 horas

14 horas às 17h30min.

HORARIO AO PÚBLICO

10 horas às 11h30min.

14 horas às 16 horas

NORMAS DE AVALIAÇÃO

EM VIGOR NO ANO LECTIVO DE 1982 - 1983

Dando cumprimento ao que lhe confere a lei, o Conselho Pedagógico torna públicas as normas de avaliação de conhecimentos em vigor no início do ano lectivo de 1982 - 1983. Simultaneamente vêm mais uma vez chamar a atenção da escola para a necessidade da prática de um ensino aberto e crítico, de uma coordenação interdisciplinar e de uma redefinição de objectivos, métodos e critérios de avaliação de forma que se evitem disparidades de disciplina e de curso para curso.

Cap. I - Disposições gerais

- Artº 1º - Os docentes deverão apresentar aos alunos no início de cada ano lectivo as modalidades de avaliação previstas no Artº 2º
- Artº 2º - Admitem-se três modalidades de avaliação:
I. - Avaliação contínua
II. - Avaliação periódica
III. - Avaliação final.
- Artº 3º - Devem promover-se além disso, trabalhos escritos, individuais ou em grupo, a apresentar e a discutir oralmente, na aula ou fora dela. O professor deverá acompanhar de perto desde a enunciação do tema e indicação da bibliografia fundamental, a elaboração desses trabalhos. Os grupos que se venham a constituir não podem exceder o limite máximo de cinco alunos.
- Artº 4º - Os alunos que reprovem na avaliação continua ou periódica poderão fazer exame final na época de Setembro-Outubro.
- Artº 5º - Embora não seja permitida qualquer revisão de provas, os alunos, sempre que disso tenham necessidade para a orientação do seu estudo, poderão solicitar aos respectivos docentes consultas das suas provas, todas as vezes que exista uma inequívoca finalidade pedagógica.
- Artº 6º - As provas orais de avaliação de conhecimentos têm um carácter público.
- Artº 7º - Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa.
- Artº 8º - Para efeito de médias, as classificações são sempre arredondadas de acordo com as normas gerais.

Cap. II - Disposições especiais

A - Avaliação contínua

- Artº 9º - O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de provas, tais como: trabalhos escritos (individuais ou de grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais.

- Artº 10º** - A avaliação contínua só poderá realizar-se em turmas cuja frequência média real não exceda 30 alunos. Em certos casos poderá haver alteração desse nº, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.
- Artº 11º** - A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas teóricas, teórico-práticas e práticas. A presença dos alunos deverá ser controlada através da assinatura de folhas de presença.
- Artº 12º** - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decorrer do primeiro mês de funcionamento das turmas da disciplina.
- Artº 13º** - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência não ultrapasse o segundo mês de funcionamento da turma em que se encontram inscritos.
- Artº 14º** - Nas cadeiras que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

B - Avaliação Periódica

- Artº 15º** - O número de provas a realizar em avaliação periódica será de duas; uma das quais obrigatoriamente um teste escrito. Quaisquer outras provas que venham a ser realizadas no âmbito de cada cadeira serão facultativas.
§ único - Sempre que as classificações das provas que excedam o nº mínimo de duas sejam consideradas para efeito de uma média final, deverão ser publicadas como as restantes,
- Artº 16º** - A indicação da época das provas será feita oportunamente pelo Conselho Pedagógico, tendo em conta a data do início das aulas.
- Artº 17º** - Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abalradas, a uma prova de recurso a realizar nos exames finais da primeira época.
- Artº 18º** - Haverá lugar para uma prova de recurso quando:
a. - o aluno tenha faltado a uma das provas referidas no artº 15º desde que a nota de outra prova seja positiva;
b. - o aluno tenha obtido nota negativa numa das provas e positiva na outra, se a média entre ambas for inferior a 9,5 - 10.
§ único - a nota da prova de recurso anula a nota da prova negativa que substitui.
- Artº 19º** - Em caso algum a prova de recurso se destina a melhoria de nota, não podendo, por conseguinte, substituir uma prova classificada com nota positiva (9,5 - 10)
- Artº 20º** - A presença do aluno numa das provas de avaliação periódica estipuladas no Artº 15º implica a sua inscrição neste regime de avaliação.
§ único - não é permitida a desistência da avaliação periódica.
- Artº 21º** - No caso das línguas vivas, haverá uma prova oral obrigatória, para além das consignadas no Artº 15º;
§1º - cabe aos leitores fixar o momento da realização dessa prova oral;
§2º - a classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média obtida entre as duas outras provas estipuladas no Artº 15º
§3º - a prova oral não pode ser entendida como prova de recurso.

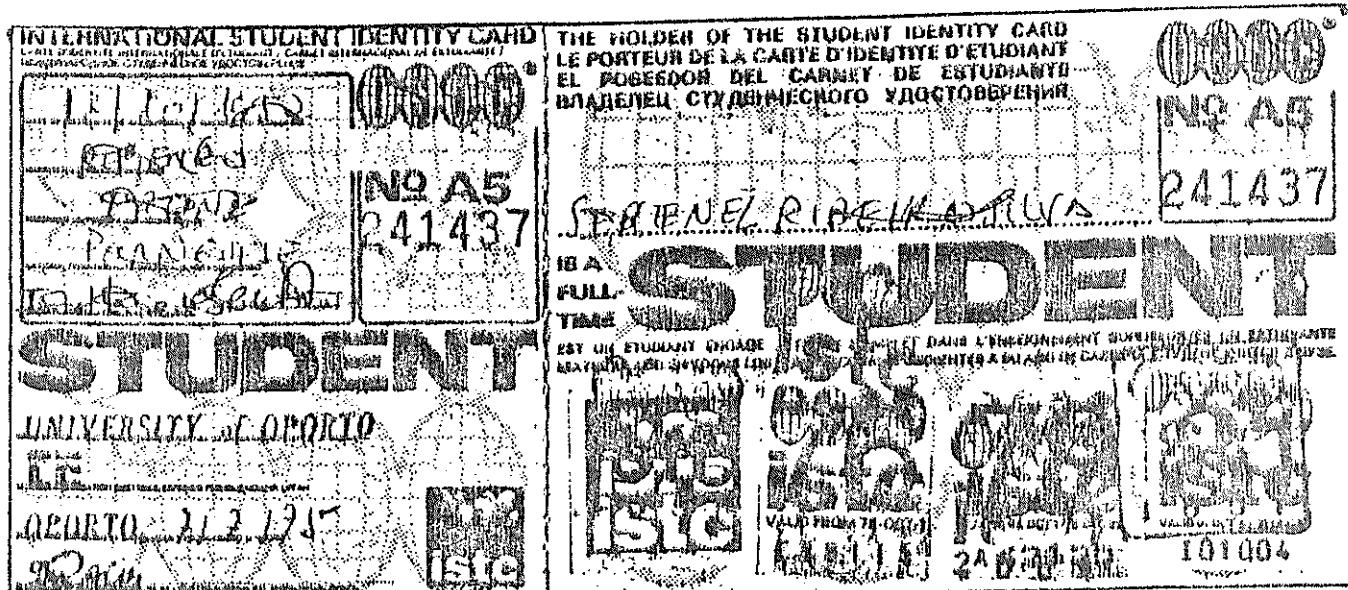
C - Avaliação Final

- Artº 22º** - O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.
- Artº 23º** - A nota mínima de admissão à oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos usuais: (7,5 - 8)

- Artº 24º - Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.
- Artº 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras em que a prova oral é sempre obrigatória.
- Artº 26º - O regime referido no número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta fundamentada do responsável pela respectiva área no Conselho Científico.
- Artº 27º - Sempre que se realiza a prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da escrita e a da oral.
- Artº 28º - A prova oral do exame final é pública e terá sempre lugar perante um júri constituído no mínimo pelo regente da cadeira ou turma e por mais um docente do curso.

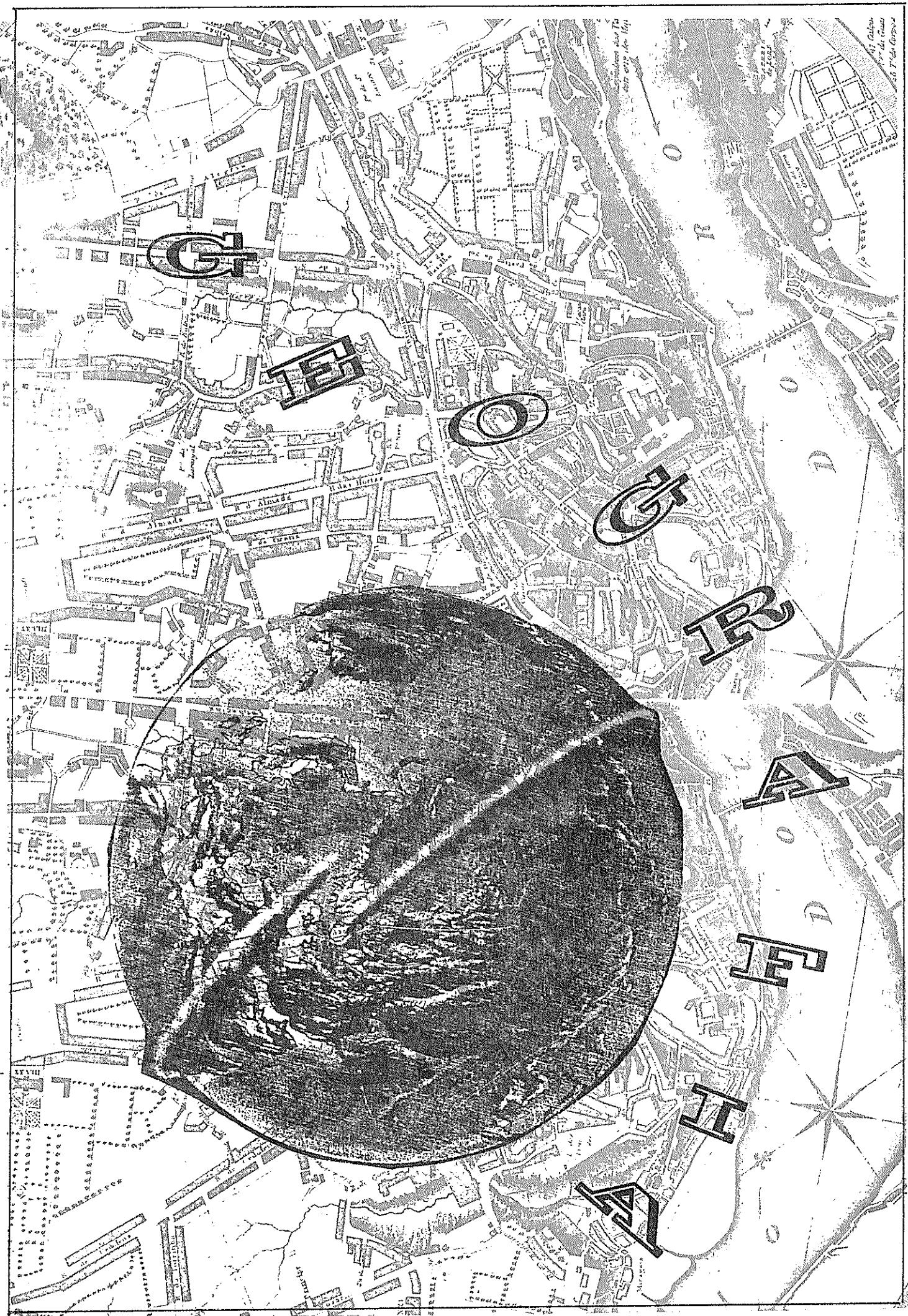
Cap. III - Observações finais

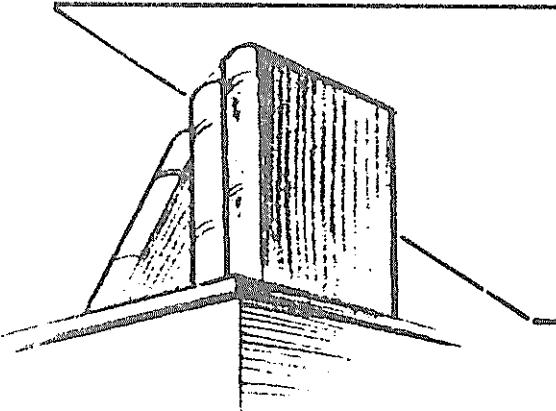
- Artº 29º - Deverão promover-se as formas mais convenientes de integração activa dos alunos nas aulas, tanto na modalidade de avaliação periódica como na modalidade de avaliação final.
- Artº 30º - A matéria versada nos testes escritos será a que tiver sido lecionada até sete dias antes da realização das provas.
- Artº 31º - As datas das provas deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias,
- Artº 32º - Segundo as normas legais, os alunos podem prestar só duas provas na época de exames de Setembro/Octubro, independentemente dos resultados obtidos na primeira época.
- Artº 33º - Os docentes e discentes devem recorrer ao Conselho Pedagógico sempre que estas normas se revelem omissas, deixem dúvidas de interpretação ou surjam diferenças de natureza pedagógica decorrentes da sua aplicação.



CARTÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTE:

Todos os alunos que pretendam obter (ou renovar) o C.I.E., poderão fazê-lo através da Associação de Estudantes (sala 15). Para o efeito deverão dirigir-se a esta mesma Associação com os seguintes elementos: 1 fotocópia de ambos os lados do cartão de estudante; duas fotografias e uma importância em dinheiro que será indicada oportunamente.





DOCENTES

1º ANO

- INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS - Dra. Nicole Vareta
EXPLICAÇÃO GRÁFICA EM GEOGRAFIA - Dr. João Garcia
GEOGRAFIA HUMANA I - Dra. Maria de Lurdes Santos
" FÍSICA I - Doutora Celeste Coelho
ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA - e 1 Assistente Estagiário a contratar
Dra. Maria Helena Maciel

2º ANO

- GEOGRAFIA FÍSICA II - Dra. Maria Assunção Araújo
" HUMANA II - Dra. Madalena Fonseca e Dr. Helder
BIOGEOGRAFIA - Dra. Nicole Vareta e 1 Assistente Estagiário a contratar
FORMAÇÃO DO MUNDO MODERNO - Docente de História
GEOGRAFIA REGIONAL - (teórico - práticas)
Assistente Estagiário - Dra. Teresa e Dr. Álvaro
" DE PORTUGAL - Doutora Rosa Fernanda e Dra. Fantina Tedi
" ECONOMICA E SOCIAL - Dra. Marília

3º ANO

- GEOGRAFIA DAS REGIÕES TROPICAIS - Dr. António Sobrinho

TÉCNICAS DE APLICAÇÃO:

- GEOGRAFIA URBANA - Prof. Doutor Pereira de Oliveira e Dr. José Alberto
" RURAL - Doutora Rosa Fernanda
GEOMORFOLOGIA - Doutora Celeste Coelho
PLANEAMENTO - Dra. Madalena Fonseca

OPÇÕES (na Secção de Geografia)

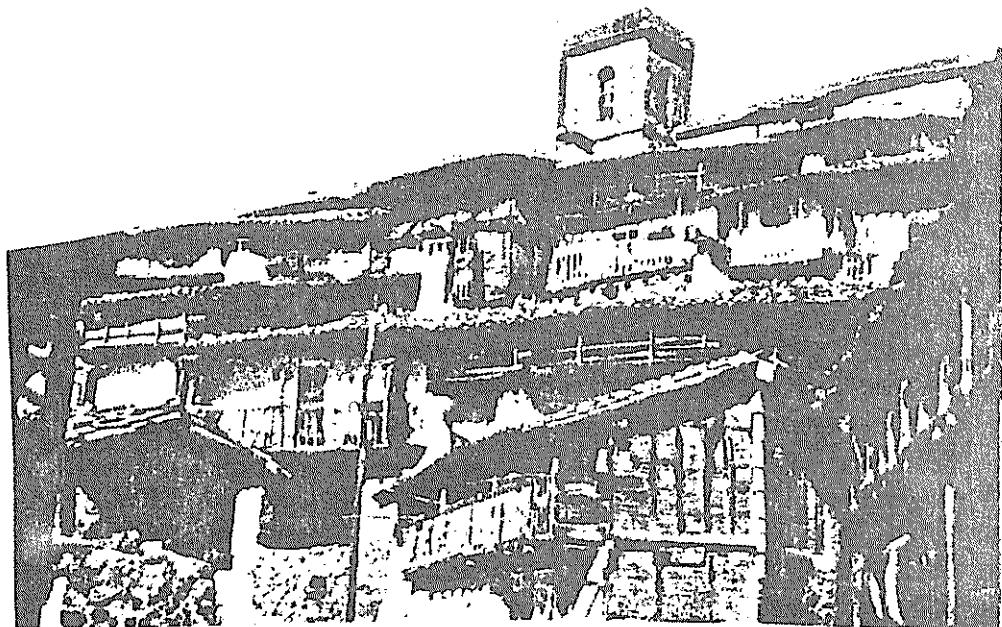
GEOGRAFIA UARANA - Prof. Doutor Pereira de Oliveira e Dr. Luís Paulo

GEOGRAFIA RURAL - Doutora Rosa Fernanda e Dr. Helena Pina

" LOCATIVA - Engº Oliveira e Sousa e 1 assistente estagiário
(a contratar)

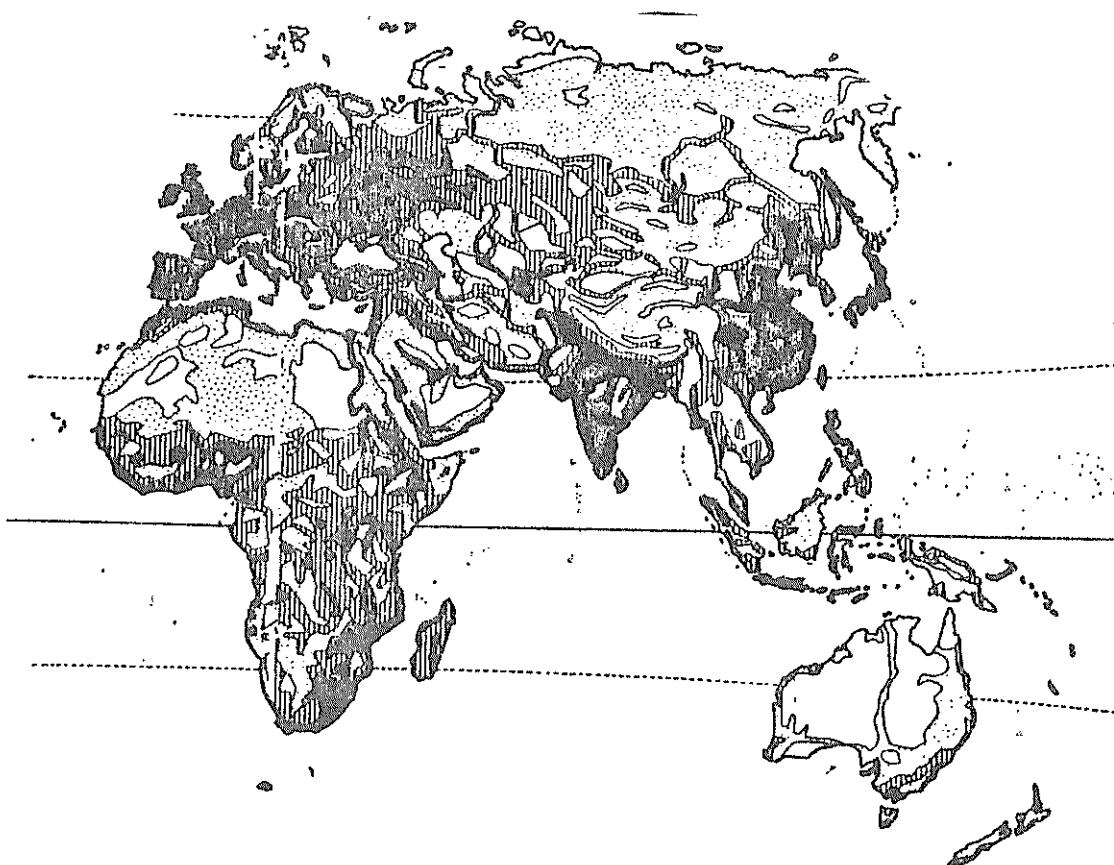
HIDROLOGIA - Dr. António Sobrinho

ESTATÍSTICA COMPLEMENTAR - Engº Lacetida



ÍNDICE

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	7
GEOGRAFIA HUMANA I	8
GEOGRAFIA FÍSICA II	10
ELEMENTOS DE BIOGEOGRAFIA	11
FORMAÇÃO DO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO	12
GEOGRAFIA HUMANA II	13
GEOGRAFIA DE PORTUGAL	18
GEOGRAFIA REGIONAL	20
GEOGRAFIA RURAL	22
GEOGRAFIA URBANA	23
SOCIOLOGIA RURAL E URBANA	27



CADEIRA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

DOCENTE: Dra. Nicely Varela

PROGRAMA:

I. A evolução da geografia até 1950:

- I.I. A geografia até o século XIX.
- I.2. Fundamentos da geografia moderna.
- I.3. Tendências da geografia até 1950.

II. A nova geografia como ciência:

- II.I. Causas da ruptura epistemológica.
- II.2. O método científico.
- II.3. Características gerais da nova geografia.

III. Uma "geografia nova"?

- III.I. A evolução actual das duas grandes correntes.
- III.2. Surgimento de uma nova reflexão epistemológica e de novas tendências.

Bibliografia geral:

- ABLER, ADAMS, GULD: Spatial organization. 1971. Capít. 2 e 3.
BEAUJEU-GARNIER: La géographie, méthodes et perspectives. 1971.
CLAVAL: Evolution de la géographie humaine. 1969.
" : A nova geografia. 1977.
DOLFUSS: L'espace géographique. QSJ? 1970.
HAGGET: L'analyse spatiale en géographie humaine. 1973.
ISNARD: L'espace géographique. PUF SUP. 1978.
LACOSTE: A geografia, in Filosofia das Ciências Sociais. 1972.
RIBEIRO, O.: Atitude e explicação em geografia humana, in Ensaios. 1970
VILA VALENTI: Uma Nueva Geografía?. Artigos 1971 e 1973, in Revista de Geografia de Barcelona.

CADEIRA: GEOGRAFIA HUMANA I

DOCENTE: Dra. Maria de Lurdes Santos

PROGRAMA:

1. INTRODUÇÃO

- A Geografia Humana:

1.1. - Objecto de Estudo

1.2. - Enquadramento:

- De programa nos vários conceitos de Geografia Humana
- Da Geografia Humana no contexto das outras ciências.

2. - OS MOVIMENTOS

2.1. - Movimento de informação - Mecanismo espacial da informação.

2.1.1. - Apresentação geral do tema e sua importância em estudos de Geografia Humana

2.1.2. - Métodos de estudo

2.2. - Movimentos de bens e serviços.

2.2.1. - Apresentação Geral

2.2.2. - Métodos de estudo

2.3. - Movimentos de pessoas: análise das migrações.

2.3.1. - Métodos de estudo: - os modelos gravitacionais no estudo dos movimentos.

3. - OS TRANSPORTES

3.1. - Introdução à análise teórica.

3.2. - Redes

3.3. - Tipos de transporte

3.4. - Importância dos transportes na organização do espaço.

4. - LOCALIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES HUMANAS

4.1. - Factores e princípios de localização.

4.2. - Principais teorias (modelos) de localização : - Apresentações e análise crítica.

4.3. - Padrões locativos e desenvolvimento económico

Aulas Práticas:

Geografia da população: - distribuição, evolução e estrutura da população .

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ABLER, Ronald R., ADAMS, John S., COULG, Peter, Spatial Organization; THE GEOGRAPHER'S VIEW OF THE WORLD, Englewood Cliffs (NJ), Prentice - Hall, 1971
- CLAVAL, Paul, A NOVA GEOGRAFIA; livraria Almedina, Coimbra, 1978
- COX, Kevin, MAN, SPACE AND BEHAVIOR. AN INTRODUCTION TO HUMAN GEOGRAPHY, New York, John Wiley, 1972.
- DOLFFUS, Olivier, L'ESPACE GEOGRAPHIQUE, Que sais Je? 1970
- " " , L'ANALISE GEOGRAPHIQUE, " " " nº 1456, 1971
- HAGGETT, Peter, GEOGRAPHY: A MODERN SYNTHESIS, New York, Harper & Row, 2a. edição, 1975
- " " , L'ANALISE SPATIAL EN GEOGRAPHIE HUMAINE, Paris, Armand Colin, 1973.
- MORRILL, Richard, THE SPATIAL ORGANIZATION OF SOCIETY, Belmont, Duxbury Press, 1974

CADERIRA: GEOGRAFIA FÍSICA II

DOCENTE: Dra. Maria Assunção Araújo

PROGRAMA:

I. ELEMENTOS DE MORFOLOGIA ESTRUTURAL

Aspectos gerais de algumas teorias e regénicas.

Distribuição dos Sistemas dobrados. Problemática das plataformas

Unidades morfo-estruturais. Características da modelade carsice.

II. ELEMENTOS DE MORFOLOGIA DINÂMICA

A acção das cursos de água

A acção geomorfelégica do vento

Elementos de morfelegia litoral

III. ELEMENTOS DE MORFOLOGIA CLIMÁTICA

Paleoclimas. Estudo dos domínios morfo-climáticos

(glaciárie, periglaciárie, áride, tropical)

IV. CONCLUSÕES: Aspectos gerais da evolução e correntes de Geomorfelegia.

Possibilidades da sua aplicação.

NOTA: As aulas práticas procurarão ser uma aplicação dos aspectos fe-
cades nas aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA:

BAULIG, H., - VOCABULAIRE FRANCO-ANGLO-ALLEMAND DE GÉOMORPHOLOGIE, Paris
1956

COQUE, R., - géomorphologie, Armand Colin, 1977

DERRUAU, M., - PRÉCIS DE GÉOMORPHOLOGIE, Masson, 1974

HOLMES, A., - PRINCIPLES OF PHYSICAL GEOLOGY, 3a. ed. Nelson, 1978

RITCHOT, G. - ESSAIS DE GÉOMORPHOLOGIE STRUCTURALE, Presses de L'Univ. Laval

TRICAUT, J., - PRÉCIS DE GÉOMORPHOLOGIE; 3 tomes

(geomorf. estrutural dinâmica e climática) SEDES, 1968,

1977, 1981, respectivamente.

CADEIRA: ELEMENTOS DE BIOGEOGRAFIA

DOCENTE: Dra. Nicete Vareta

PROGRAMA:

Introdução: O "parti-pris" da cadeira: uma biogeografia essencialmente vegetal.

I. A análise da distribuição dos seres vivos: métodos e objectivos:

I.I. Biogeografia, Ciências Naturais e Ciências Sociais.

I.2. Definição e dinâmica do complexo biogeográfico.

I.3. Métodos actuais de análise das biocenoses: Ecossistema, Geossistema.

II. As formações vegetais e as condições do meio ambiente:

II.1. Meio ambiente abiótico e biótico.

II.2. O solo: uma componente de contacto.

II.3. O Impacto antrópico e a dinâmica da vegetação.

II.4. A distribuição dos biomas e formações vegetais, e problemas taxonómicos de classificação.

III. Abordagem do estudo integrado dos meios "naturais":

III.I. Abordagem teórica: Brasil e/ou Angola.

III.2. Abordagem prática: Portugal na Europa Ocidental.

Bibliografia geral:

DANSEREAU, P.: Biogeography, an ecological perspective. Ronald, N.York
DUVIGNEAUD, P.: A síntese ecológica. Socicultur. I974. I957.

ELHAI, H.: Biogéographie. Colin U. Paris. I968.

HUETZ DE LEMPS, A.: La végétation de la terre. Masson. Paris. I970.

LACOSTE A. et SALONON R.: Eléments de Biogéographie. Nathan. Paris. I969.

ODUM E. P.: Ecologie. Doin. Paris. I976.

CADEIRA: FORMAÇÃO DO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO

DOCENTE: Dr. Aníbal Barreira

PROGRAMA:

I. A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO - DA IDADE MÉDIA AOS NOSSOS DIAS.

- as áreas de interesse europeu
- análise das principais motivações do expansionismo europeu:
mercantilismo, iluminismo, revolução industrial.

II. A FORMAÇÃO DA ECONOMIA E DA SOCIEDADE MODERNAS

- estudo da primeira e segunda revoluções industriais
- análise da evolução das estruturas económicas e sociais
(sécs. XVIII - XIX)
- o Liberalismo e os seus teóricos

III. O CAPITALISMO E O SOCIALISMO NO SÉCULO XX

- a produção agrícola e industrial; as crises
- as alterações monetárias e a evolução bancária
- o sub-desenvolvimento.

CADEIRA: GEOGRAFIA HUMANA II

DOCENTES: Dr. Helder Trigo Gomes Marques

Dra. Maria Madalena Saraiva Pires da Fonseca Allegre de
Magalhães

PROGRAMA:

1. A ANÁLISE EM GEOGRAFIA HUMANA

1.1 - Teoria da localização das actividades Humanas

1.2 - Domínios fundamentais da geografia humana

1.3 - A análise integrada do espaço

2. A OCUPAÇÃO HUMANA NO TEMPO E NO ESPAÇO

1 - A ANALISE EM GEOGRAFIA HUMANA

1.1 - Teoria da localização das actividades humanas

1.1.1 - Localização: factores e princípios

1.1.2 - Teoria de localização e distorções na realidade

1.1.2.1 - Localização e interesse público

1.1.2.2 - Problemas típicos de localização

1.1.3 - Padrões locativos e desenvolvimento económico

1.2 - Domínios fundamentais da Geografia Humana

1.2.1 - A Geografia Rural - teoria de localização

1.2.1.1 - Classificação dos sistemas agrícolas

a) Whittlesey

b) A dimensão da modernização

1.2.1.2 - As estruturas agrárias

a) Morfologia agrária e estrutura fundiária

b) Povoamento rural

c) Formas de cooperação

d) Modos de exploração

1.2.1.3 - Agricultura periurbana

1.2.2 - A Geografia industrial

1.2.2.1 - Variáveis fundamentais - factores de localização:

Inputs - mercados - transportes

1.2.2.2 - Economias de escala e de aglomeração

1.2.2.3 - Modelos de localização industrial

1.2.2.4 - Problemas complexos de localização

a) As características intrínsecas das indústrias

b) As condicionantes exógenas da implantação industrial

c) A industrialização e os modelos de desenvolvimento
e crescimento económico

1.2.3 - A Geografia Urbana

1.2.3.1 - Evolução histórica do fenómeno urbanização

1.2.3.2 - Os conceitos:

- Cidade - centro urbano
- Funções das cidades
- Classificação das cidades

1.2.3.3 - Teoria da localização urbana

1.2.3.3.1 - Localização das actividades secundárias

1.2.3.3.2 - Localização das actividades terciárias

1.2.3.3.3 - Localização das residências

1.2.3.3.4 - Circulação na cidade

1.2.3.4 - Estrutura interna dos centros urbanos

1.2.3.4.1 - Os modelos clássicos - Escola de Chicago

1.2.3.4.2 - Modelo de crescimento urbano - Lowry

1.3 - A análise integrada do espaço

1.3.1 - A teoria dos lugares centrais

1.3.1.2 - O modelo de Walter Christaller:

- Lugar central ; função central ; área complementar ; modelo hexagonal ; Hierarquia de lugares centrais

1.3.1.3 - Outros modelos:

Losch, Isard, Pred

1.3.2 - Sistemas de Cidades

1.3.3 - A análise sociológica

2 - A OCUPAÇÃO HUMANA NO TEMPO E NO ESPAÇO

2.1 - As relações entre os períodos históricos e a organização espacial

2.2- Assimetrias regionais

2.3- Origem, consolidação e tendências nas assimetrias regionais à escala mundial e regional

2.4- Crescimento e desenvolvimento económico (teorias e modelos)



BIBLIOGRAFIA GERAL

- Abler, R. ; Adams, J.S. ; Gould, P. - Spatial organization
- Armstrong, H. ; Taylor, J. - Regional economic policy
- Aydalot, Philippe - Dynamique spatiale et développement inegal
- Bairoch, Paul - Taille des villes, conditions de vie et développement économique
- Barros, Henrique - Os grandes sistemas de organização da economia agrária
- Carter, Harold - The study of urban geography
- Castells, Manuel - Problemas de investigação em sociologia urbana
- Sociología del espacio industrial
- Cox, Kevin - Man, location and behavior
- Chisholm, Michael - Rural settlement and land use
- Gaspar, Jorge - A área de influência de Évora
- Urban growth trends in Portugal
- Haggett, Peter - Analisis locacional en la geografía humana
- Harvey, David - Explanations in geography
- Labasse, Jean - L'organization de l'espace
- Lebeau - Les grands types de structures agraires du monde
- Lopes, Simões - Desenvolvimento regional
- Moynier - Les paysages agraires
- Morril, Richard - Spatial organization of society
- Ribeiro, Orlando - Ensaios de geografia humana e regional
- Richardson, H.W. - Economia regional
- Tamames, R. - Ecología y desarrollo
- Smith, David - Industrial location

CADEIRA: GEOGRAFIA DE PORTUGAL

DOCENTE: Deutera Rosa Fernandes

PROGRAMA:

1^a PARTE

PORUTGAL CONTINENTAL - sua posição marginal na Europa Ocidental

1 - Panorama físico

1.1. - Sua integração na problemática geomorfológica da Península Ibérica.

1.2. - Condicionamentos de ordem física às actividades rurais: hidrologia, cobertura vegetal, solos.

2 - O povoamento da Península Ibérica.

3 - Problemas geográficos da individualização política do território português.

2^a PARTE

1 - Evolução histórica dos fundamentos sócio-económicos. Estudo evolutivo das transformações estruturais da Economia Portuguesa (breves referências).

2 - Tipos de " posse da terra" e seus reflexos na evolução da paisagem humanizada.

3 - A ocupação do solo e as suas actividades económicas

3.1. - Agricultura e Silvicultura

3.2. - Significado do Oceano na Economia Portuguesa - - Pesca.

3.3. - A Indústria e o seu crescimento recente

3.4. - As aglomerações Urbanas

4 - Princípios de diversidade Regional e formas de organização do espaço.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- SÉRGIO, ANTÓNIO - " Breve Interpretação da História de Portugal. Esboço crítico", Lisboa, 1977.
- SABARÍS, L. SOLÉ; LLALÓ, N. Llopis - Tomo I de " Geografía de España Y Portugal", Barcelona, 1962.
- DAVEAU, SUZANNE - " Répartition Géographique des Pluies Exceptivamente Fortes au Portugal", Finisterra , VII- 13, Lisboa 1972, pp. 5 a 28.
- ROGADO, NUNO JOSÉ QUINTINO - " Contribuição para o Estudo dos solos Derivados de Granitos Existentes em Portugal", boletim de solos, nº 10, Lisboa, 1971, pp. 1 a 158.
- AZEVEDO, J. LÚCIO DE - " Épocas de Portugal Económico, Esboços de História", 3^a edição, Lisboa 1973.
- CASTRO, ARMANDO - " A Revolução Industrial em Portugal no Séc. XIX", 3^a ed. Lisboa 1976.
- CASTRO, ARMANDO - " Desenvolvimento Económico ou Estagnação ?", Lisboa 1970.
- GODINHO, VITORINO MAGALHÃES - " Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa", 2^a ed., Lisboa 1975.
- ORLANDO, RINEIRO - Geografia de Portugal, Barcelona, 1953
- GASPAR, JORGE - " A Área de influência de Évora. Sistema de Funções e Lugares Centrais". Lisboa, 1872.
- GASPAR, JORGE - A Morfologia Urbana de Padrão Geométrico na Idade Média", Finisterra, IV-8, Lisboa 1969, pp. 198-215.
- OLIVEIRA, JOSÉ M. PEREIRA - " O ESPAÇO URBANO DO PORTO. Condições naturais e desenvolvimento." , Coimbra 1973

CADEIRA: GEOGRAFIA REGIONAL

DOCENTES: Dra. Teresa M.V. de Sá Marques

Dr. Álvaro António Domingos

Introdução: uma visão diacrónica da complexidade dos conceitos.

1.1-Do determinismo à "região natural".

2-A escola francesa-Vidal de Lablache

3-Problemática da região natural

-um novo determinismo

-a questão da escala

-os limites (critérios)

-a "combinação regional"

2.1A A "Regional Science"-uma nova maneira de pensar a região

2-A economia espacial e a "região económica"

3-Aplicação da teoria dos lugares centrais no estudo da região económica polarizada

4-A metrópole regional, os centros secundários, as áreas de influência a rede-o "encaixe"regional.

3.1-Exemplo de medidas de regionalização em França

2-As estratégias

3-Os resultados

4-A "validade"da região económica e a região na perspectiva da geografia do Poder.

5.1-A análise sistémica em Geografia

2-A região como um sistema aberto

3-A região anisotrópica

6.1-A região "espaço-vivido"

2-A Geografia da Percepção

3-Análise de estudos a nível urbano

4-Os mapas mentais-metodologia e conteúdo de informação

5-A Geografia da Percepção e a metodologia da "região vivida".

7-A regionalização Portuguesa-prespectiva histórica. 20

Ordentaçao bibliográfica

- P. Claval-Régions, nations, grands espaces, Genin, Paris 1968
Id. La Nouvelle Geographie, coll."Que sais je?"P.U.F: 1977
Id. -Evolución de la geografia humana, OIKOS, Barcelona
P. Haggett-L'Analyse spatiale en Géographie Humaine, Paris, Armand Colin, 1973
A. Frémont-La Région espace vécu, Paris P.U.F., 1976
J. Labasse-La Organisation de L'espace, Paris, Hartmann 1966
J. Gaspar -A área de influência de Évora, Lisboa, 1978
D. Harvey -Explanation in Geography, Edward Arnold, London 1979
B. Berry -Géographie des marchés et du commerce de détail, Paris, Armand Lopes S. -Desenvolvimento Regional, I vol., Lisboa, 1980 Colin, 1973
A. Christofolletti-Análise de sistemas em Geografia Univ. de S. Paulo, 1979
Boudeville-Les espaces économiques, coll."que sais je?"nº950, Paris P.U.F.
A. Dauphiné-Espace Région et système, Bordas, Paris, 1980

Artigos de revistas

- O. Ribeiro-Regiões Históricas, Mem. Soc. Geogr. Ital., 31, 1975
Id. -Região e rede urbana:formas estruturais e es
H. Baulig-Géographie générale et Géographie régionale, Melanges Blanchard, Québec, 1959
G. Chabot-La valeur scientifique de la géographie régionale, Proceedings, 1952
E. Juillard-La région, essai de definition, An. de Géo., 1962
P. Gourou -De la Géog. Régionale et de ses relations avec la planification régionale, Bull. Soc. Belge, 27, 1958
P. Dumolard-Région et régionalisation. Une approche systémique, L'esp. Géog., 2, 1975
A. Fremont -L'aménagement régionale en France, l'Esp. Géog., 1978
J. Gallais-De quelques aspects de l'espace vécu dans les civilisations du monde tropical, l'Esp. Géog., 1956
Y. Gervaise-L'analyse de l'espace vécu en région rurale tropicale..., Id. 1976
H. Capel -L'image de la ville et le comportement spatial des citadins, Id., 1975

CADEIRA: GEOGRAFIA RURAL

DOCENTES: Deutera Rosa Fernandes

Dra. Helena Pinto

PROGRAMA:

I. A AGRICULTURA E AS GRANDES ETAPAS DO SEU DESENVOLVIMENTO A NÍVEL MUNDIAL (até à Revolução Industrial)

II. O ESPAÇO RURAL

1. Conceito

2. Elementos

III. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL

1. No quadro das objectivas naturais, sociais, económicas e políticas.

- formas de ocupação em função dos elementos naturais;

- a actividade agrícola, sua localização;

- relações CIDADE - CAMPO.

2. Política e Planeamento Regional

- os regimes políticos e os seus reflexos no arranjo do espaço rural.

IV. PAISAGENS AGRARIAS A NÍVEL MUNDIAL (exemplificações)

1. Na Europa

2. Na América Latina

3. Na África Inter-trópica.

CADEIRA: GEOGRAFIA URBANA

DOCENTES: Prof. Deuter Pereira de Oliveira
Dr. Luís Paule

PROGRAMA:

I Parte

A. Intrdução Geral

1. o conceito de cidade em Geografia Humana
O problema da urbanização à escala mundial. Evolução, tendências e perspectivas do futuro.
2. Problemas de metodologia geral em Geografia Urbana.

B. Morfologia Urbana

1. Características, condições e evolução dos problemas de morfologia urbana.
2. Estruturas espaciais urbanas.

II Parte

A. As funções urbanas

1. Actividades e funções. Relações de complementaridade funcional.
2. Classificação funcional das cidades. Problemas e critica.

B. A cidade e a organização do espaço

1. As interinfluências dos espaços urbanos e dos espaços rurais. Relações
2. Estruturas de relação.
3. Graus e níveis de relação. Hierarquização urbana.

Bibliografia Geral

- AUZELLE, R., Technique de l'Urbanisme, Paris, P.U.F., Coll. "Que Sais-je?", nº 609, 1953.
- BAUER, G., et ROUX, J.-M., La Rurbanisation ou la Ville Eparpillée, Paris, Ed. Seuil, 1976.
- BEAUEU-GARNIER, J., et CHABOT, C., Traité de Géographie Urbaine, Paris, A. Colin, 1963.
- BELLIDO, A. G. y, et Alia, La Ciudad como forma de Vida, in "Revista de La Universidad de Madrid", Madrid, Vol. VII, nº 25, 1958.
- BERRY, B. J. L., Geografía de los Centros de Mercado y Distribución al por menor, Barcelona, Vicens-Vives, 1971.
- BOURNE, L. S., Internal Structure of the City, London, Oxford University Press, 1971.
- BRIGGS, K., Field Work in Urban Geography, Edimburg, 1970.
- CARTER, H., The Study of Urban Geography, London, E. Arnold, 1972.
- CHABOT, G., Les Villes (3.^a ed.), Paris, A. Colin, 1958. (Há tradução espanhola: Las Ciudades, Barcelona, Ed. Labor, 1972).
- CHARDONNET, J., Métropoles Économiques, Paris, A. Colin, 1959.
- CHARNIER, J.-B., Citadins et Ruraux, (2.^e Ed.), Paris, P.U.F. Coll. "Que Sais-je?", nº 1107, 1970.
- DAVIS, K., La Ciudad, su Origen, Crescimiento e Impacto en el Hombre, Madrid, H. Blume, 1976.
- DERRUAU, Max., Précis de Géographie Humaine, Paris, A. Colin, 1961 (V. tb. Nouveau Précis de Géographie Humaine, Paris, A. Colin; e ainda a tradução em português, Geografia Humana II, Lisboa, Ed. Presença, 1973).
- DERYCKE, P.-H., L'Economie Urbaine, Paris, P.U.F., 1970.
- DICKINSON, R. E., City, Region and Regionalism, (2.^a Ed.), London, 1952. (Há uma tradução espanhola: Ciudad, Región y Regionalismo, Barcelona, Ed. Omega, 1961).
- DWYER, D. J., et alia, The City in the Third World, London, The MacMillan Press, Ltd., 1974.
- EVERSON, J. A., e FITZGERALD, B. P., Inside the City, London, Longman, 1972.

- GEORGE, P., La Ville, le Fait Urbain à travers le Monde, Paris, P.U.F., 1952.
- GEORGE, P., Précis de Géographie Urbaine, Paris, P.U.F., 1961.
- GRIMAL, P., Les Villes Romaines (2.^a Ed.), Paris, P.U.F., Coll. "Que Sais-je?", n° 657, 1961. *Humaine*
- HAGGETT, P., L'Analyse Spatiale en Géographie, Paris, A. Colin, 1973.
- HAGGET, P., et alia, Modelos Socio-económicos en Geografía, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1975.
- HALL, P., Les Villes Mondiales, Paris, Hachette, 1966.
- HORNDOU, E. M., and BOYCE, R. R., Studies of Central Business District and Urban Freeway Development, Seattle, University of Washington Press, 1959.
- JOHNSON, J. H., Urban Geography, Oxford, 1967.
- La Carta de Atenas, Buenos Aires, C.I.A.M., 1954.
- LAJUGIE, J., Les Villes Moyennes, Paris, Cujas, 1974.
- LAVSDAN, P., Histoire de l'Urbanisme, Vols. I, II e III, Paris, 1926-1952.
- LAVEDAN, P., Géographie des Villes, (2.^a Ed.), Paris, Gallimard, 1959.
- MERLIN, P., Méthodes Quantitatives et Espace Urbain, Paris, Masson et Cie, 1973.
- MOHOLY-NAGY, S., Urbanismo y Sociedad, Madrid, Ed. Elume, 1970.
- MUMFORD, L., The City in History, New York, 1961.
- PHILIPONNEAU, M., Géographie des Villes, in Géographie Générale, Encyclopédie de La Pléiade, Paris, Gallimard, 1966, pp. 1007-1054.
- PINCHEMEL, Ph., et CARRIÈRE, F., Le Fait Urbain en France, Paris, A. Colin, 1963.
- PINCHEMEL, Ph., et alia, Niveaux Optimis des Villes, Lille, CERES, 1959.
- PIRENNE, H., As Cidades da Idade Média, Lisboa, Publicações Europa-América, Col. Saber, n° 51, 1961.

- Readings in Urban Geographie, Chicago, Ed. H.M. Mayer and C.F. Kohn, 1959.
- RIBEIRO, O., Cidade, in Dicionário de História de Portugal, Lisboa, Vol. I (A-D), pp. 574-580, (s.d.).
- RIBEIRO, O., Proémissario Metodológico ao Estudo das Pequenas Cidades Portuguesas, in "Finisterra", Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Vol. IV, nº 7, 1969, pp. 64-75.
- REBERT, S., Les Paysages Urbains, Paris, A. Colin, 1973.
- ROBSON, B. T., Urban Analysis - A Study of City Structure, Cambridge, Cambridge University Press, 1969.
- SCHNEIDER, W., De Babylone à Brasília, Paris, Plon, 1960.
- SMALLS, A. E., The Geography of Towns, (5.^a Ed.), London, Hutchinson University Library, 1966.
- SORRE, Max., Les Fondements de la Géographie Humaine, Tome III. L'Habitat Urbain, Paris, A. Colin, 1952.
- SUQUET-BONNAUD, A., Le Problème des Centres de Villes à l'Etranger, Paris, SEDES, 1966.
- TOSCHI, U., La Città, Turim, 1966.
- TRICART, J., Cours de Géographie Humaine, Fasc. II: L'Habitat Urbain, Paris, CEU, (policopiado), s.d..
- VALENTI, J. V. e CAPEL, H., Campo e Ciudad en la Geografía Española, Madrid, Salvat, 1970.

CADERNA: SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

PROGRAMA:

1. Espaço físico e espaço social
2. A configuração do mundo rural
 - 2.1. Meio rural e meio urbano
 - 2.2. Meio físico e meio humano: a sociedade rural
 - 2.3. A cultura do meio rural
3. A organização do espaço social urbano
 - 3.1. O processo de urbanização. A passagem da sociedade global rural à sociedade global urbana
 - 3.2. Composição e diferenciação sociais na cidade
 - 3.3. Novas formas de vida e novas culturas
4. A industrialização como vetor de modernização
5. Regionalização e ordenamento do território.



EDITORIAL

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

O Editorial da AEFLUP é um orgão de importância vital no apoio aos estudantes, uma vez que assegura o fornecimento de textos aconselhados e indicados pelos Docentes, para as várias cadeiras dos diversos cursos desta Faculdade. Para além da edição destes textos, assegura também todo e qualquer trabalho de fotocópias ou off-Sett.

Apesar de trabalhar para todos os alunos inscritos nesta Faculdade, existem certas regalias de que beneficiam os SÓCIOS da Associação de Estudantes. A seguir, daremos algumas informações sobre o modo de inscrição, modalidades de sócios e respectivas regalias. Mais informações serão prestadas no balcão dos nossos serviços.

- O SÓCIO - NORMAT

Para se inscreverem como sócios normais da AEFLUP, deverão todos os interessados dirigirem-se ao Editorial (Casarão) e aí efectuarem a sua inscrição, bastando para o facto uma fotografia e 200\$00 em dinheiro, correspondente à quota anual.

VANTAGENS:

- Acentuado desconto na compra de textos de apoio.(acima referidos)
- Desconto nos serviços de fotocópias
- Desconto da ordem dos 10% na compra de livros na Livraria da AEFLUP.

- O SÓCIO - DOMICILIÁRIO

A quota anual para esta modalidade é de 500\$00. As Vantagens, para além das referidas anteriormente são as seguintes:

-Este sócio receberá pelo correio todos os textos que saiam e editados por nós, para as cadeiras em que se inscrevem.

- Receberá ainda os Calendários dos testes e todas as informações que acharmos serem do seu interesse.

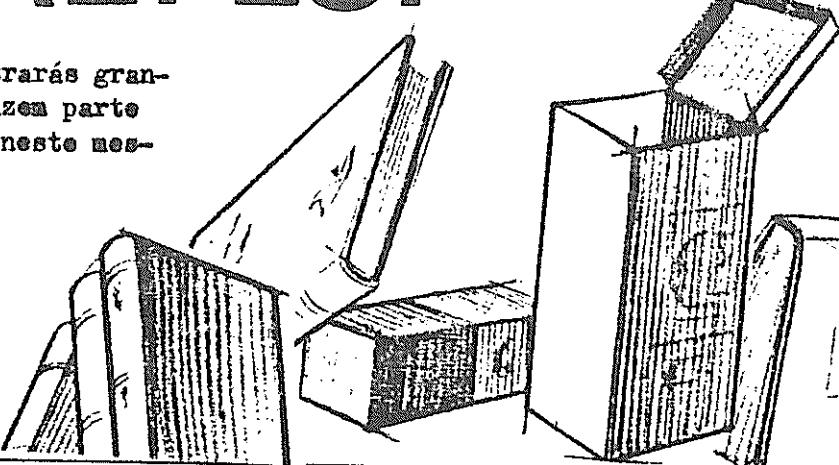
LIVRARIA * AEFLUP

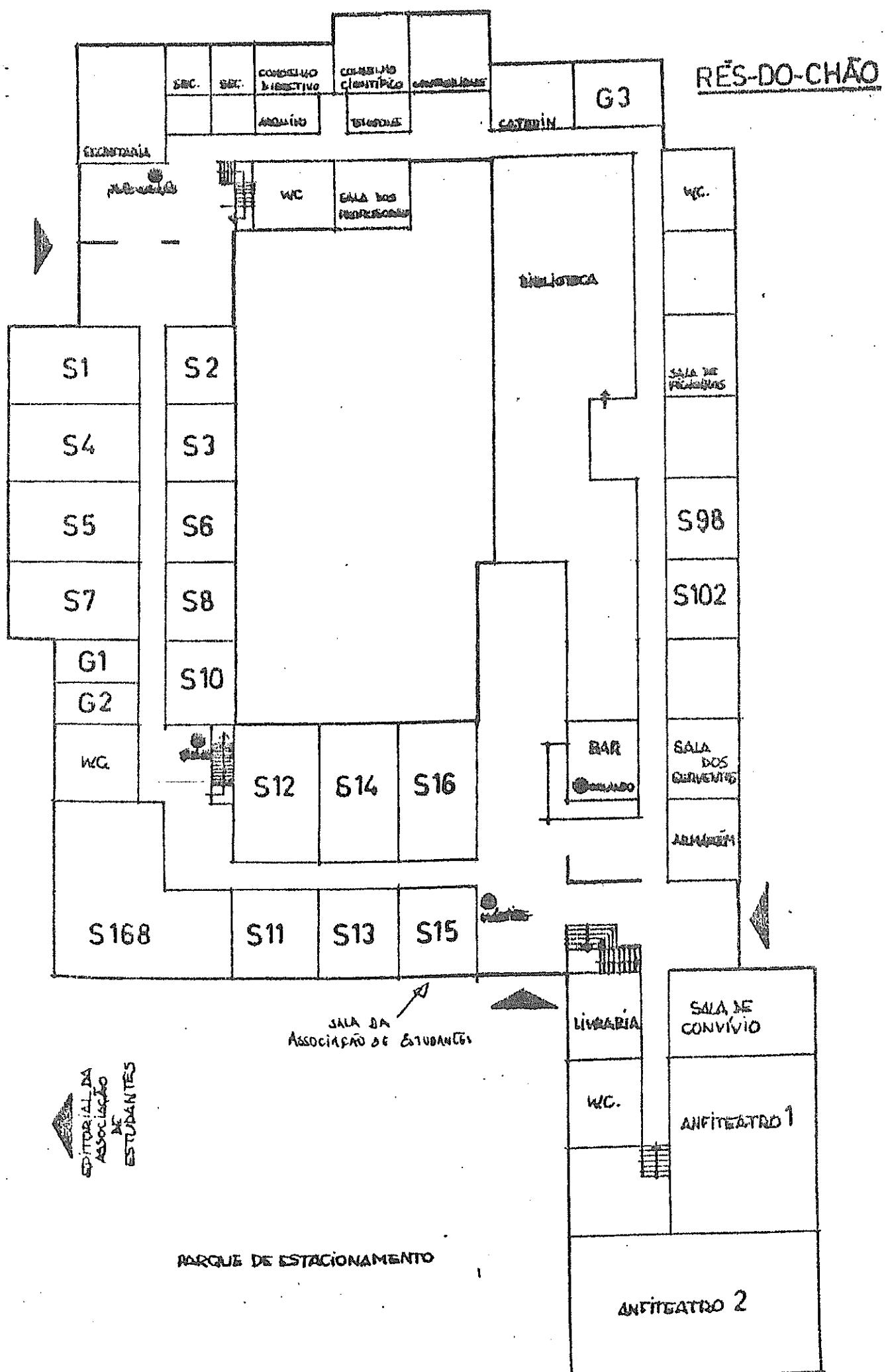
HORÁRIO:
Das 9h às 13 h
e
Das 15h às 19 h

Nesta Livraria encontrarás grande parte das obras que fazem parte da bibliografia inserida neste mesmo Guia.

Artigos de Papelaria

DESCONTO DE 10 % a SÓCIOS
da A.E.F.L.U.P..









FUMAR

É UMA

FORMA

GRAVE

DE

POLUIÇÃO

